

Autor: ANA MARIA MATTOS NAVARRO

Estabelecimento: ESCOLA ESTADUAL MONTEIRO LOBATO - E FUND

Ensino: ENSINO FUNDAMENTAL

Disciplina: LÍNGUA PORTUGUESA

Conteúdo: DISCURSO ENQUANTO PRÁTICA SOCIAL

EVOCAÇÃO DO RECIFE (TRECHO)

*A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada*

(MANUEL BANDEIRA)

1) PARANÁ

Título: *Paraná, riqueza de raças e culturas*

Texto:

A história do Paraná pode ser contada através da ocupação de seu território. Sua área abrange quase 200 mil quilômetros quadrados e possui um dos mais férteis solos do mundo, abrigando um rico entrelaçamento de raças e culturas. Não se pode deixar de reconhecer que a especificidade do Paraná está na sua formação diferenciada. Essa diversidade de raças foi traçada pelo cruzamento de muitos caminhos abertos pelo homem ao longo dos séculos. O Paraná é indígena, europeu, asiático, gaúcho, paulista, mineiro e 'pé vermelho'¹.

Tudo isso gerou uma forma peculiar de expressão, diferenciada na fonética e no léxico. Muitas cidades e rios paranaenses levam nomes indígenas, herança dos índios que habitavam nosso Estado; contamos também com empréstimos lingüísticos dos imigrantes europeus que conferem ao falar da região uma identidade própria.

Não podemos ainda esquecer do discurso rural. Devido à própria característica agrícola do Estado, o contingente de população rural é muito grande. Os falares rurais são um dos maiores fatores de identificação do paranaense.

O Paraná conta com muitas palavras, expressões e construções morfossintáticas e marcações fonéticas específicas que ilustram a riqueza da cultura e da linguagem rural, o que acaba por conduzir a uma reflexão sobre a língua, suas características e sua variação, especialmente as diferenças entre o Paraná urbano e o Paraná rural.

Destacamos ainda a existência de certa rivalidade entre a região Sul e a região Norte do Estado, que pode ser ilustrada por expressões como "pés-vermelhos" e "leite quente dá dor de dente". São expressões que apresentam variações de sotaque que, mesmo sendo motivo de discriminação ou alvo de brincadeiras, constituem-se num amplo material de pesquisa.

Tais estudos, até pouco tempo atrás, ficavam restritos à academia mas, nos últimos anos, passaram a ser mais divulgados e a fazer parte do currículo escolar. Diante disso, temos a intenção de colaborar com o presente OAC para uma maior disseminação dos estudos da variação lingüística em sala de aula.

¹ A expressão 'pé vermelho' faz alusão à cor da terra do Norte do Estado. É comumente empregada para indicar um norte paranaense típico e toda a bagagem cultural que carrega consigo, inclusive o sotaque, uma de suas maiores marcas de identificação em qualquer região do país.

2) PROBLEMATIZAÇÃO DO CONTEÚDO

Chamada para a Problematização: *O chamado erro de concordância ou inadequação de linguagem não seria apenas a realização de regras lingüísticas não-padrão?*

Texto:

O fato de o professor ou a sociedade ainda ver como erro determinadas construções morfossintáticas ou inadequações no uso da linguagem precisa ser revisto, analisado e estudado de forma a redefinir novos padrões de conduta no âmbito socioeducacional. Essa visão muitas vezes pode estar mascarada sob a forma de preconceito lingüístico e é uma evidência de que questões como: *O que é erro? Corrigir ou não? O que corrigir? Como corrigir?*

A variação na concordância de número (nominal e verbal) nas produções de textos de nossos alunos é bastante geral e bem significativa, pois se encontra amplamente generalizada, chegando a ocorrer também entre as camadas mais cultas da sociedade e é muito presente em nossa realidade escolar. Mesmo com a ampla disseminação dos conhecimentos sobre variação lingüística nos cursos universitários de formação de professores de língua portuguesa e em pesquisas científicas na área da lingüística, ainda há muito que se divulgar sobre o tema aos professores do ensino fundamental e médio.

As próprias Diretrizes Curriculares para a Educação Pública do Estado do Paraná apontam para a necessidade de que o professor ofereça um tratamento especial à variação lingüística em sala de aula ao destacar que tanto a norma padrão quanto as outras variedades são igualmente lógicas e bem estruturadas e as variações lingüísticas, sob o enfoque sociolingüístico, não são boas ou ruins, melhores ou piores, primitivas ou elaboradas, pois constituem sistemas lingüísticos eficazes, falares que atendem diferentes propósitos comunicativos.

Nas últimas duas décadas, os educadores brasileiros, especialmente os lingüistas, têm defendido uma pedagogia que esteja atenta às diferenças entre a cultura que os alunos trazem e a da escola, procurando mostrar ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os alunos sobre essas diferenças.

Ainda assim os professores não sabem como agir diante dos chamados 'erros de português', 'erros de concordância' ou mesmo inadequações lingüísticas à ocasião social. Muitos ficam inseguros, sem saber se devem ou não corrigi-los, ou se podem falar em erros, os quais, sob a perspectiva sociolingüística, são simplesmente diferenças entre variedades da língua. Quando o aluno usa uma regra não variável ('erro') e o professor intervém, fornecendo a variante-padrão, as duas variedades acabam entrando em conflito em sala de aula. Como proceder nesses momentos? É uma dúvida sempre presente entre os professores.

Precisamos encontrar caminhos para tratarmos a seguinte polêmica: O 'erro' é uma deficiência do aluno ou apenas uma diferença entre duas variedades? Sugestões didáticas não faltam, como: substituir o uso do *certo/errado* por *adequado/inadequado*, entre outras.

Enfim, entre os estudiosos da ciência lingüística direcionada ao ensino da língua portuguesa prevalece o pressuposto de que o professor deve considerar a questão da variação lingüística no planejamento das aulas, na elaboração/organização do material didático e nos critérios de avaliação das produções textuais dos estudantes.

As formas de variação que ocorrem em sala de aula podem ser agrupadas do seguinte modo:

I. Variações na Fonologia:

- queda do /r/ final nas formas verbais: *corrê;*
- neutralização entre o /l/ e o /u/: *avental>aventau*
- monotongação (*pouco>poco; peneira>penera*)

II. Variações na morfossintaxe:

Apesar das variações fonológicas se constituírem num campo vasto de estudos e reflexões para o professor de língua materna, a variação na concordância de número (nominal e verbal) ainda é o tipo de construção mais produtivo, isto é, o que apresenta um grande número de ocorrências tanto nas produções textuais dos alunos quanto na sua fala. Esse tipo de variação ainda é visto com grande preconceito, pois se um falante não faz

todas as concordâncias, diz-se que ele 'fala errado', 'não sabe português'. Os estereótipos, nesse caso, são muitos.

A sociolinguísta Maria Marta Pereira Scherre (UnB) enfatiza a variação na concordância de número como um fenômeno envolto em estigma social. Segundo ela

Há muito nossa sociedade, especialmente representada pela escola, busca eliminar definitivamente as estruturas sem concordância tanto da fala quanto da escrita, mas em vão (...) as escolas, muitas vezes, eliminam, pela punição com nota baixa, pela reprovação e pela eventual ou conseqüente evasão escolar, os alunos que não dominam formas de prestígio, entre as quais se destaca a concordância de número. A variação da concordância é parte inerente de nosso sistema lingüístico (ou de qualquer outro país), mas a quantidade de variação, no Brasil, é marca de classe social (SCHERRE, 2005, p. 133).

A partir de tais questões, cotidianas no âmbito escolar e da sociedade, o objetivo deste OAC é ajudar e fundamentar os professores de língua portuguesa a construir um conhecimento mais profundo e completo dos benefícios da ciência sociolinguística ao tratamento didático da variação lingüística e, conseqüentemente perceber o 'erro' como a realização de uma regra não-variável.

REFERÊNCIAS:

SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

3) SUGESTÃO DE LEITURA

a) Categoria: Livro

Sobrenome: Scherre

Nome: Maria Marta

Título do Livro: Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito.

Local da Publicação: São Paulo

Editora: Parábola Editorial

Ano da Publicação: 2005

Comentários: A obra levanta questões sobre os conceitos de erro exacerbados pela gramática normativa e enfatiza o fato de que, mesmo na variedade escrita monitorada, a concordância de número é um fenômeno variável. 159 páginas divididas em quatro capítulos.

b) Categoria: Livro

Sobrenome: Bagno

Nome: Marcos

Título do Livro: A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira

Local da Publicação: São Paulo

Editora: Parábola Editorial

Ano da Publicação: 2003

Comentários: Faz uma crítica ao rótulo de erro apregoado pela gramática normativa. Relaciona língua a poder e enfatiza que, no Brasil, o preconceito lingüístico tem suas bases no preconceito social. Ilustra com exemplos de críticas feitas pela mídia à linguagem do Presidente Lula. 199 páginas, três capítulos.

c) Categoria: Livro

Sobrenome: Bagno

Nome: Marcos

Título do Livro: Nada na Língua é por acaso

Local da Publicação: São Paulo

Editora: Parábola Editorial

Ano da Publicação: 2007

Comentários: Apresenta fundamentos de temas como variação e mudança, norma padrão e norma culta, estigma e prestígio, letramento e oralidade, entre outros. Também propõe atividades práticas para o tratamento da variação em sala de aula. 238 páginas.

d) Categoria: Livro

Sobrenome: Bortoni-Ricardo

Nome: Stella Maris

Título do Livro: Nós chegemos na escola, e agora?: Sociolinguística e educação

Local da Publicação: São Paulo

Editora: Parábola Editorial

Ano da Publicação: 2005

Comentários: Composto por embasamento teórico e exemplificação de entrevistas sociolinguísticas, análise de erros, eventos de oralidade e reflexões relacionadas a problemas sociais e sociais que interferem na linguagem. Possui 264 páginas.

e) Categoria: Livro

Sobrenome: Bortoni-Ricardo

Nome: Stella Maris

Título do Livro: Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula

Local da Publicação: São Paulo

Editora: Parábola Editorial

Ano da Publicação: 2004

Comentários: No livro os professores de língua portuguesa encontram os fundamentos teóricos e aplicações práticas, na forma de atividades bem elaboradas, que prestam um valioso auxílio no processo de formação plena do cidadão e contra qualquer forma de exclusão pela linguagem. Composto por 112 páginas.

f) Categoria: Livro

Sobrenome: Calvet

Nome: Jean-Louis

Título do Livro: Sociolinguística: uma introdução crítica

Edição: 4ª

Local da Publicação: São Paulo

Editora: Parábola Editorial

Ano da Publicação: 2002

Comentários: É uma obra de introdução à sociolinguística. Apresenta os fundamentos básicos da teoria sociolinguística, a fim de contribuir no processo de formação de professores e estudantes de língua portuguesa. Possui 176 páginas.

4) IMAGENS



Comentários e outras sugestões de Imagens: A imagem aponta para a necessidade de que o professor tenha uma nova e múltipla visão em relação não só às variáveis lingüísticas que seus alunos carregam consigo, mas também à educação como um todo. Numa época de tantas transformações e profundas mudanças, o educador capaz de lançar diferentes olhares sobre seu papel na formação de alunos como cidadãos acaba se mostrando aberto

para aprender, a cada momento da vida, saber ver, analisar e perceber que o conhecimento, cada vez mais, estará sujeito a transformações. Dotado de uma ampla e multifacetada visão, o professor não dará tanta ênfase à questão do "certo ou errado", mas, sim, tornar-se-á aberto e apto para refletir sobre as causas que influenciam tal questão.

5) SÍTIO

a) Título do Sítio: Museu de Língua Portuguesa – Estação da Luz

Disponível em: <http://www.estacaodaluz.org.br>

Acessado em: 05/01/2008

Comentários: Neste sítio o internauta pode realizar uma viagem virtual ao Museu da Língua Portuguesa, fruto de uma parceria entre a Fundação Roberto Marinho e a Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo e localizado na Estação da Luz, terminal ferroviário da cidade de São Paulo do início do século 20. Tendo como foco principal a Língua Portuguesa, o sítio tem como objetivos divulgar estudos modernos sobre a língua portuguesa, levar o internauta a explicitar seu conhecimento da língua e disponibilizar amostras dos nove séculos de Língua Portuguesa, como um fundamento para a formulação de novas perguntas e a busca de novas respostas. Para tanto, o Portal apresenta vários links, tais como:

- *Língua Portuguesa: conjunto de textos sobre a língua e seu ensino;*
- *Língua falada: conjunto de transcrições de amostras da modalidade oral do Português.*
- *Língua escrita: conjunto de documentos sobre o Português corrente e o Português literário.*
- *Glossário e bibliografia: conjunto de definições de termos técnicos e informações bibliográficas*

De acordo com informações do próprio portal, por este ser uma obra aberta e dinâmica, o mesmo sofrerá constantes atualizações.

b) Título do Sítio: Stella-Bortoni

Disponível em: <http://www.stellabortoni.com.br>

Acessado em: 08/01/2008

Comentários: O site/blog da professora Stella Maris Bortoni Ricardo traz entrevistas, artigos, programação de eventos, cópias de teses e dissertações e divulgação projetos relacionados à Língua Portuguesa e a Educação de um modo geral, porém com enfoque em sua área de pesquisa, que é a Sociolinguística Educacional. Autora de livros relacionados a tal área ("Educação em Língua Materna: a Sociolinguística na sala de aula" e "Nós chegemo na escola e agora?") Stella Bortoni transfere para o site sua concepção teórica e pontos de vista abordando aspectos muito ilustrativos e realistas da língua e da cultura do povo brasileiro, sempre enfocando a questão do respeito aos diferentes falares e suas variações, sejam elas diatópicas, diafásicas, diastráticas ou geracionais.

c) Título do Sítio: PEAD – Português – Ensino à distância

Disponível em: <http://www.acd.ufrj.br/~pead/index.html>

Acessado em: 28/12/2007

Comentários: A web page é uma iniciativa do PEAD (Português – Ensino à distância), formado por pesquisadores/professores de língua portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O objetivo é discutir questões relacionadas ao ensino produtivo da língua portuguesa, com base nas variedades de uso e na diversidade de textos. São disponibilizados no site textos que auxiliam na atualização de conhecimentos sobre a língua e sugeridas atividades didáticas que ajudam o professor na sua atividade de ensino da língua portuguesa. É composto pelos seguintes links: LÍNGUA E SOCIEDADE, PRODUÇÃO DE TEXTOS e MORFOSSINTAXE.

O link Língua e Sociedade, entre outras informações, apresenta um vasto e rico material relacionado à Variação Lingüística diferenciando-a quanto à sua forma Dialetal (Regional, Social, Etária e Profissional) e sua forma de Registro (Grau de Formalismo, Modalidades de Uso e Sintonia).

6) SONS E VÍDEOS

a) Categoria: Áudio-CD/MP3

Título: Samba do Arnesto

Intérprete: Adoniran Barbosa

Comentário: A letra reproduz um modo de falar e um vocabulário muito específico do interior paulista. Há troca ou assimilação (omissão) de fonemas, ausência de concordância verbal e nominal. Várias das formas utilizadas na letra da música são inadequadas, tanto do ponto de vista da ortografia, quanto do ponto de vista da concordância verbal e nominal. Identifica-se imediatamente sua fala com a fala das pessoas menos cultas, ou seja, cria-se um vínculo entre o uso da língua e o nível de aceitabilidade social do falante. Muito bom para o professor refletir com os alunos sobre a questão da identidade do falante relacionada à sua região geográfica, bem como ao fato de que, independente dos desvios do padrão culto da língua, a comunicação se processa de forma eficiente.

Texto (ex: trecho da música):

*O Arnesto nos convidou
Prum samba, ele mora no Brás
Nós fumo e num encontremo ninguém
Nós fiquemo com uma baita дума reiva
Da outra vez nós num vai mais.
Outro dia encontremo o Arnesto
(...)*

b) Categoria: Áudio-CD/MP3

Título: Asa branca

Intérprete: Luiz Gonzaga

Comentário: A letra mostra termos regionais típicos de uma região rural. Podemos relacioná-la ao conteúdo variação lingüística devido a várias construções que não fazem parte da norma culta, tanto no aspecto sintático: *ausência de concordância de número (teus óio)*, quanto no aspecto fonético: *apócope de /r/: vortá (voltar), espaiá (espalhar); Iotização: óio (olho), oiei (olhei), fornaia (fornalha), espaiá (espalhar); Rotacismo: alteração de l para r em trava silábica vortá (voltar), farta (falta), vortarei (voltarei);*

Texto (ex: trecho da música):

*Quando oiei a terra ardendo
Qua fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, uai
Por que tamanha judiação.
Que braseiro, que fornaia
Nem um pé de prantação
Por farta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
(...)*

c) Categoria: Vídeo

Título: Tristeza do jeca

Direção: Amácio Mazzaropi

Produtora: PAM Filmes

Duração: 1h:35min

Local da Publicação: Taubaté/SP

Ano: 1961

Disponível em: <http://www.museumazzaropi.com.br/filmes/13trist.htm>

Comentário: O filme é interessante, pois se passa no cenário rural, caracterizando o homem do campo do interior paulista, seus costumes e linguajar. Nota-se na fala o forte sotaque caipira, com seus /r/ *retroflexos*, entre outras peculiaridades fonéticas do linguajar rural, bem como as variações na concordância verbal e nominal. Sugerimos este filme por

ele ajudar o professor a levar o aluno a ter um maior contato com a riqueza da linguagem rural sem cair no lugar comum da ridicularização do caipira, já que as variantes utilizadas pelos personagens conferem maior identidade e veracidade à obra.

Sinopse: Jeca mora na fazenda do Coronel Felinto junto com sua família e outros colonos. Como se aproximam as eleições para prefeito, os coronéis da região disputam a simpatia do Jeca, que é um líder entre os colonos. A disputa para prefeito se dá entre os coronéis Felinto e Policarpo. Mas é o coronel Bonifácio quem faz a campanha eleitoral para o coronel Policarpo, um senhor de aparência frágil e mais velho. Bonifácio arma uma estratégia de campanha, onde afirma que a plataforma política de seu candidato é a defesa do homem do campo. Para poder conseguir atingir este objetivo faz uma visita ao Jeca enfatizando que eles não conhecem a psicologia do homem do campo e solicita sua ajuda. No entanto, Jeca não quer trair a confiança do coronel Felinto, dono da fazenda onde mora. Percebendo a resistência do Jeca, Bonifácio pede a seu filho que veio do Rio de Janeiro para namorar e noivar a filha do Jeca. Com muita perspicácia os políticos envolvem Jeca em um comício e tramam um jogo de palavras onde o levam a declarar em voz alta que está ao lado deles, que apóia o coronel Policarpo. Depois, o filho do coronel Bonifácio pede a noiva em casamento. O coronel Felinto fica furioso e ameaça expulsá-los da fazenda se o outro lado vencer. Jeca e sua mulher vão à casa do coronel Felinto e em meio a uma discussão o caipira diz: *"Não é porque o senhor tem dinheiro que vai fazê o que quer de nós, não!"* As eleições ocorrem num clima de suborno. O coronel Policarpo ganha as eleições. O coronel Felinto expulsa todos os trabalhadores. Jeca e os outros colonos vão para a fazenda do coronel Bonifácio pois pensa que sua filha será a nora do coronel. Ao chegar à fazenda, é mal recebido por Bonifácio que diz que não haverá mais casamento. Manda Jeca e todos os empregados embora. Mas o coronel Policarpo, o novo prefeito, observa toda a injustiça. Faz o coronel Bonifácio calar a boca senão vai executar a sua fazenda, deixando-o na miséria. Arruma emprego para todos em sua fazenda e sai junto com o povo pela estrada.

d) Categoria: Vídeo

Título: O Quatrilho

Direção: Fábio Barreto

Produtora: Paramount / Dreamworks

Duração: 02h

Local da Publicação:

Ano: 1994

Disponível em: [http://www.interfilmes.com/filme_14285_O.Quatrilho\(O.Quatrilho\).html](http://www.interfilmes.com/filme_14285_O.Quatrilho(O.Quatrilho).html)

Comentário: Bom retrato da segunda fase da colonização do sul. Mostra processos importantes da produção do espaço geográfico, com destaque para a ocupação das áreas de matas com base nas pequenas propriedades, além da solidariedade entre as comunidades rurais destas áreas, a serra gaúcha de ocupação pecuária em grandes propriedades e as nascentes cidades gaúchas. Mesmo se passando no Rio Grande do Sul, o filme pode ser relacionado a alguns aspectos históricos do Paraná, por resgatar um pouco a saga da imigração italiana, tão importante e decisiva na formação do nosso Estado.

Sinopse: Rio Grande do Sul, 1910. Em uma comunidade rural composta por imigrantes italianos, dois casais muito amigos se unem para poder sobreviver e decidem morar na mesma casa. Mas o tempo faz com que a esposa de um se interesse pelo marido da outra, sendo correspondida. Após algum tempo, os dois amantes decidem fugir e recomeçar outra vida, deixando para trás seus parceiros, que viverão uma experiência dramática e constrangedora, mas nem por isto desprovida de romance.

e) Categoria: Vídeo

Título: O auto da compadecida

Direção: Guel Arraes

Produtora: Globo Filmes

Duração: 02h:04min

Local da Publicação:

Ano: 2000

Disponível em: <http://globofilmes.globo.com/GloboFilmes/Site/0,GFF415402,0hml>

Comentário: Ambientada no nordeste brasileiro a obra retrata a realidade regional e cultural de um povo religioso, simples, sofrido e assombrado pela seca e pelo da miséria. Possui uma linguagem coloquial e regionalista, permitindo um vasto estudo lingüístico. Além disso, o filme pode contribuir para que o aluno valorize a fala interiorana nordestina, a qual sempre foi muito discriminada pela mídia e nos centros urbanos.

Sinopse: O filme enfoca as aventuras de João Grilo, um sertanejo pobre e mentiroso, e Chico, o mais covarde dos homens no vilarejo de Taperoá, sertão da Paraíba. Por meio de mentiras e pequenos golpes, os dois conseguem sobreviver no agreste. Vê-se na obra o apego que o povo nordestino têm pelo catolicismo e o medo do diabo. O julgamento - em que se defrontam a defesa (Nossa Senhora) e a acusação (o diabo) - mostra os prós e os contras das fraquezas e virtudes humanas. Esta é a verdadeira essência da peça e revela o grande confronto e as justificativas das fragilidades versus as virtudes

7) NOTÍCIAS

a) Categoria: revista on-line

Sobrenome: Pereira Junior

Nome: Luiz Costa

Título da notícia: O alternativo pede o padrão

Nome da revista: Revista Língua Portuguesa

Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11302>

Acessado em: 28/11/2007

Comentário: É muito importante que a escola capacite seu aluno para a flexibilidade lingüística. O desafio da disciplina de português está intimamente relacionado à dificuldade de ajudar o aluno identificar qual linguagem usar, em que situações e de identificar os diferentes níveis de formalidade.

A seguir, a notícia na íntegra:

O alternativo pede o padrão

Luiz Costa Pereira Junior

Entender a norma é pouco. O desafio do aprendizado de português pode estar hoje muito mais relacionado à dificuldade de saber que linguagem usar em que situações e de identificar os diferentes níveis de formalidade, que exigem usos específicos de linguagem.

A escola vive o impasse de oferecer mais do que o padrão culto, que isso tem se revelado insuficiente, segundo recentes dados do MEC. As pessoas saem da escola sem saber interpretar textos e sem jogo de cintura para comunicar-se fora das situações de comunicação a que estão acostumadas.

Isso acontece não só porque a escola ensina mal o padrão e o faz como se fosse uma verdade inabalável. Cresce a necessidade de capacitar as pessoas à flexibilidade lingüística: ajudá-lo a comunicar-se com as pessoas com quem se relaciona e a manejar o padrão em suas interfaces sociais, como provas escolares, disputas por vagas no mercado, redações para grande público, participação em concursos e vestibulares.

É possível que construções gramaticais fora do padrão tenham sua lógica interna ou histórica e cabe ao especialista no idioma explicá-las à sala de aula ou ao público. Mas o erro em um idioma pode ser, no fundo, antes uma inadequação de linguagem a um dado contexto em que ela é usada.

A noção de erro, assim, ganharia outra dimensão. Seria usar uma variedade em vez de outra numa situação de comunicação em que a coletividade envolvida desaprovava.

Seria também usar uma expressão ou construção sintática que não soariam naturais no idioma. Uma dada forma tem regularidade na língua porque é adequada à transmissão de uma informação específica. Daí surgirem as regras de uso e suas infundáveis exceções. Mas ninguém, talvez só na Microsoft, vai de sandália a uma reunião de trabalho, assim como não toma sol de terno. Um lingüista, ao defender uma variedade que não é padrão, o faz usando o padrão. Se não o fizesse perderia clareza e eficiência. O erro é sempre social, será dado sempre em relação a quem se destina a mensagem. Mas estará lá.

Mesmo quem tem uma visão mais flexível e descritiva da linguagem, reconhece a importância da língua padrão. Para bem dizer que é admissível um registro alternativo de uma construção sintática ou uma expressão, a referência é o padrão. Naves fora, o desafio é estabelecer o lugar de todas as variedades nesse imenso latifúndio que é a linguagem.

b) Categoria: jornal on-line

Título da notícia: Costumes tropeiros que influenciaram o Sul são apresentados em Castro

Nome do jornal: Página Rural

Disponível em:

http://www.paginarural.com.br/noticias_detalhes.asp?subcategoriaid=78&id=21007

Acessado em: 02/01/2008

Comentário: A notícia informa sobre um evento intitulado I Encontro Paranaense de Cultura Popular, realizado em Castro/PR, onde foram debatidas questões como a força do passado tropeiro paranaense. O professor Francisco Filipack destacou que os tropeiros gostavam muito de usar metáforas em seu linguajar: *cair do cavalo / tirar o cavalo da chuva / amarrar o burro*, entre outras.

A notícia na íntegra:

Costumes tropeiros que influenciaram o Sul são apresentados em Castro

Castro/PR - A força do passado tropeiro paranaense está expressa em tudo o que se faz, festeja e se diz. Essa afirmação é consenso entre os três palestrantes do terceiro dia do I Encontro Paranaense de Cultura Popular que encerra no domingo (24), em Castro. O evento é organizado pela Secretaria de Estado da Cultura em parceria com a Prefeitura Municipal.

De acordo como o pesquisador Henrique Paulo Schmidlin, da Coordenadoria do Patrimônio Cultural da Secretaria, o movimento tropeiro foi responsável pela conquista do Sul do Brasil, uma vez que, pelo Tratado de Tordesilhas, este território pertenceria à Espanha e não a Portugal. "Os tropeiros eram responsáveis por todo o transporte de mercadorias. Eles foram o que hoje são os caminhões de carga. Portanto, nas rotas dos tropeiros formaram-se as cidades e todos os serviços dos quais os tropeiros precisavam", enfatiza.

De Viamão (RS) a Sorocaba (SP) os tropeiros levavam os "muers semoventes" (mulas que se movem por si mesmas), e por mais de 200 anos percorreram este caminho. "As mulas são extremamente fortes e têm uma capacidade de equilíbrio muito grande, por isso atravessavam caminho difíceis com muita carga e passividade", observou o palestrante Francisco Filipack, professor de Teoria Literária e autor do Dicionário Sócio-lingüístico Paranaense.

Os tropeiros e seus peões gostavam muito de usar metáforas substantivas em seu linguajar. De sua pesquisa, o professor Filipack listou algumas para apresentar em Castro: cair do cavalo / dar com os burros n'água / negar o estribo / cavalo dado não se olha os dentes / tirar o cavalo da chuva / forrara a guaiaca / crescer como rabo de cavalo / bater estribo / andar no cabresto / bater bruaca / estar de pito acesso / amarrar o burro / cor de burro quando foge / procurar chifre em cabeça de cavalo / fazer uma vaquinha / endireitar a cangalha / ir para a barroca.

Para a professora Lea Maria Cardoso Vilela, todo o artesanato feito em madeira, como as mulinhas com balaios, em argila, palha de milho, taquara, lã de carneiro, vime e nó de pinho, é herança dos tropeiros, que formaram verdadeiros corredores culturais por onde passaram. "Em Castro, ainda hoje, mantemos grande parte dessas tradições. Toda a nossa literatura oral, brincadeiras infantis, festas religiosas, adivinhas, anedota e histórias de assombração têm referência no tropeirismo", reforça.

Influência negra na cultura brasileira é debatida em Castro

"Somos um povo negro. A melodia da nossa língua é negra. A nossa religiosidade é negra. A habilidade para trabalhos manuais também herdamos dos negros escravos. O samba como sabemos são africanos", lembrou o professor José Flávio Pessoa de Barros, antropólogo e professor das universidades Estadual e Federal do Rio de Janeiro, durante o I Encontro Paranaense de Cultura Popular.

Para o debatedor e coordenador de Incentivo à Cultura da Secretaria da Cultura, Glauco Souza Lobo, também participante do Encontro, a cultura negra está enraizada em todos os brasileiros, sejam eles descendentes de índios, europeus, orientais ou negros. "Só para dar alguns exemplos quando dizemos "isso faz a minha cabeça", ou quando nos referimos à quantidade "trocentos", ou ainda nas palavras com sílabas duplicadas como mamãe, papai, bumbum, bebê, estamos usando expressões africanas."

Desta forma, a cultura negra que chegou ao Brasil, trazida por escravos apontados como pessoas sem alma e sem cultura, e que não foram, em nenhum momento, respeitados pelos colonizadores, teve influência definitiva na formação do povo brasileiro. "No entanto, a força da cultura negra, que possibilitou a sua sobrevivência durante a escravidão, continua viva e latente", afirmou Pessoa de Barros.

Para que o público pudesse sentir o que estava falando, o professor José Flávio trouxe discos e livros sobre a cultura negra. E para terminar esta etapa do Encontro, o público assistiu a uma apresentação da Congada da Lapa e ao Coral Sorriso Negro, de Tibagi. Nos intervalos o Grupo Espaço Cultural Muxirão, de Castro, mostrou suas habilidades na capoeira.

c) Categoria: revista on-line

Sobrenome: Esteves

Nome: Bernardo

Título da notícia: *Um componente genético para a diversidade lingüística?* Cientistas apontam relação entre ocorrência de genes em um povo e tipo de idioma falado por ele

Nome da revista: Ciência Hoje On-line

Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/91041>

Acessado em: 03/01/2008

Comentários: Pesquisadores da Universidade de Edimburgo, na Escócia apontam, com dados estatísticos, uma correspondência significativa entre diferenças na estrutura genética das populações e o tipo de língua falada por elas, afirmando que os genes compartilhados por um povo podem influenciar o seu idioma.

A notícia na íntegra:

Um componente genético para a diversidade lingüística? Cientistas apontam relação entre ocorrência de genes em um povo e tipo de idioma falado por ele

É possível que os genes partilhados por um povo influenciem o idioma por ele falado? Isso é o que tentam mostrar dois pesquisadores da Universidade de Edimburgo, na Escócia. Em artigo publicado esta semana na revista *PNAS*, eles apontam uma correlação estatística significativa entre diferenças na estrutura genética das populações e o tipo de língua falada por elas.

O estudo mostra que, nas populações que falam idiomas tonais – nos quais uma mudança na tonalidade com que uma palavra é pronunciada pode afetar seu sentido ou função gramatical –, é maior a frequência com que ocorrem determinados alelos dos genes *ASPM* e *Microcephalin*, envolvidos no desenvolvimento e no tamanho do cérebro de primatas.

Praticamente nenhuma das línguas indo-européias – como o português e o inglês – são tonais. No entanto, esses idiomas são comuns no sudeste da Ásia, na África subsaariana, na América Central e na bacia amazônica. A hipótese do lingüista Robert Ladd é que poderia haver um componente genético por trás dessa distribuição.

A idéia surgiu após a publicação em 2005 de um artigo que discutia a evolução adaptativa dos genes *ASPM* e *Microcephalin*. "Fiquei chocado pela similaridade entre a distribuição geográfica dos alelos mais antigos desses dois genes e das línguas tonais", conta Ladd à *CH On-line*. Com a colaboração do geneticista Dan Dediu, ele decidiu investigar essa hipótese.

Os pesquisadores postulam que diferenças sutis na estrutura do cérebro, guiadas pelos genes *ASPM* e *Microcephalin*, poderiam predispor os indivíduos de uma população a aprender mais facilmente um idioma tonal. A transmissão cultural de geração em geração se encarregaria de consolidar esse padrão ao longo do tempo. No entanto, enfatizam os pesquisadores, essas diferenças sutis não se manifestariam em escala individual.

Correlação estatística e relação causal

Para colocar sua hipótese à prova, a dupla selecionou 49 populações de vários continentes e comparou as características dos idiomas falados por elas e a frequência com que ocorriam nesses grupos diferentes combinações dos blocos de DNA (ou haplótipos) contendo os genes *ASPM* e *Microcephalin*. Os pesquisadores identificaram uma correlação significativa entre determinados haplótipos e a distribuição das línguas tonais entre as populações, mesmo após levar em conta processos históricos e geográficos que poderiam explicar essa coincidência.

Os autores enfatizam que as conclusões não dão margem a qualquer interpretação que afirme que as línguas tonais, mais antigas, sejam menos desenvolvidas que as não-tonais. "Não sabemos que pressões seletivas levaram às novas variantes dos genes *ASPM* e *Microcephalin*. Não há razão de se acreditar que as línguas não tonais tenham qualquer tipo de vantagem evolutiva", explica Ladd. "A sociedade chinesa desenvolveu tecnologia, política e filosofia avançadas com uma língua tonal."

Apesar da correlação apontada no estudo, é preciso cautela na interpretação dos resultados. O geneticista Sergio Pena, professor da Universidade Federal de Minas

Gerais (UFMG) e colunista da *CH On-line*, avaliou o trabalho com reticência. "Não há dúvida de que existe uma correlação estatisticamente significativa entre os haplótipos derivados e tonalidade, mas ela é apenas moderadamente significativa", afirma Pena. "Inferir uma relação de causa e efeito é um salto no escuro, havendo inclusive a possibilidade de um precipício do outro lado. A probabilidade *a priori* de que esta relação de causa e efeito seja verdadeira é muitíssimo pequena. A confirmação desses achados vai depender de um melhor entendimento das propriedades bioquímicas e fisiológicas desses genes."

Os autores admitem que a correlação estatística não implica uma relação causal e pretendem levar adiante experimentos sobre a aquisição da linguagem que permitam ratificar a hipótese. Em todo caso, a dupla sabe que tem muito trabalho pela frente. "A maior lacuna em nosso trabalho é o fato de não entendermos claramente o mecanismo pelo qual a diferença genética poderia se traduzir em um viés cognitivo", reconhece Ladd. "Por isso precisamos realizar esses experimentos."

d) Categoria: revista on-line

Sobrenome: Amendola Cavalcanti

Nome: Eduardo

Título da notícia: Professor lança dicionário sociolinguístico do Paraná

Nome da revista: Curitiba- cidade do conhecimento

Disponível em: <http://www.curitiba.org.br/digitando/cultura/?canal=24¬i=915>

Acessado em em: 04/01/2008

Comentários: Destaca o lançamento do primeiro Dicionário Sociolinguístico do Paraná. Com nove mil verbetes, de autoria do professor Francisco Filipak. O livro presta valioso serviço à cultura brasileira e, em particular, à paranaense. A obra reúne mais de cinco mil termos e acepções que ainda não constam dos dicionários brasileiros, de uso no Paraná e, em muitos casos, de outras regiões. São formas e significados colhidos no meio rural e urbano.

A notícia na íntegra:

Professor lança dicionário sociolinguístico do Paraná

O primeiro Dicionário Sociolinguístico do Paraná será lançado nesta terça-feira (17), às 19 horas, no hall da Secretaria de Estado da Cultura, em Curitiba. Com nove mil verbetes e subverbetes, o livro, de autoria do professor Francisco Filipak, foi editado e impresso pela Imprensa Oficial do Estado, dentro da Coleção Brasil Diferente.

Na apresentação da obra, o professor de Linguística da Universidade Federal do Paraná, José Luiz Mercer, afirma que "com esse livro, o professor Filipak presta inestimável serviço à cultura brasileira e, em particular, à paranaense". O Dicionário é resultado de mais de 30 anos de trabalho do professor, que é autor também dos livros "Teoria da Metáfora", "Fundamentos da Linguagem Figurada" e do instigante "Curitiba e suas variantes toponímicas – Coré, Curé e Curiy", um ensaio histórico linguístico sobre a origem do nome da capital do Paraná.

Sua nova obra reúne mais de cinco mil termos e acepções que ainda não constam dos dicionários brasileiros, de uso no Paraná e, em muitos casos, de outras regiões. São formas e significados colhidos no meio rural e urbano pelo autor, com ajuda de estudantes de Letras das universidades do Estado. Além das pesquisas de campo e de gabinete, o professor consultou mais de 200 autores experts no assunto.

Um exemplo é a palavra caché, bastante usada nas regiões de planalto, kanxé na língua caingangue, que significa cascas secas tiradas do pinheiro. Outro é o neologismo

carrinheiro, que designa o catador de lixo que não é lixo, expressão tirada das ruas de Curitiba. Também estão no Dicionário palavras usadas exaustivamente como laqueadura, que significa "ligamento das trompas".

Segundo o professor José Luiz Mercer, os dicionaristas são os especialistas que mais se beneficiarão da obra do professor Francisco Filipak, mas, certamente, não serão os únicos. Da leitura desta obra também tirarão proveito, acrescenta ele, os dialetólogos, sociolinguistas e historiadores da língua, "além de todos aqueles que se dedicam ao estudo da cultura, como os antropólogos e historiadores".

Atualmente, são poucos os Estados brasileiros que possuem um Dicionário Sociolinguístico, diz o autor, entre os quais o Rio Grande do Sul, a Paraíba, o Ceará e o Rio Grande do Norte. Filipak já concluiu o Dicionário do Espírito Santo, que deverá ser publicado em breve, e prepara o Dicionário Regional do Contestado, a convite da Universidade do Contestado, de Caçador, Santa Catarina.

Natural de Araucária (PR), onde nasceu a 7 de agosto de 1924, Francisco Filipak é dono de um vasto currículo. Professor titular de Linguística, é graduado e mestre em Letras (PUC-PR) e Filosofia Pura (Unissinos-RS), possuindo ainda especialização em Língua e Cultura Polonesa. Foi professor de Português, Latim e Teoria da Literatura e um dos fundadores do ensino superior no Paraná. Pertence à Academia Paranaense de Letras. "Trabalho por idealismo", resume com modéstia.

8) DESTAQUES

Título: *Atlas Lingüístico do Paraná*

Fonte: AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas lingüístico do Paraná*: apresentação. [Londrina: UEL, 1996], 10 + 167 p.

Texto:

O Atlas Lingüístico do Paraná é constituído por 92 cartas lexicais, 70 fonéticas, 29 sintéticas de isoglossas, e 6 cartas anexas indicando o progresso do povoamento do Paraná nos séculos XVII, XVI e XVIII, XVII a XIX, entre 1900 e 1920, entre 1900 e 1940 e entre 1900 e 1960. É resultado de uma pesquisa que envolveu 65 municípios paranaenses, abrangendo mais de uma centena de comunidades rurais, em sua grande maioria.

Publicado como o quinto Atlas Lingüístico brasileiro é uma contribuição valiosa para a dialetologia e geografia lingüística da língua portuguesa, pois assegura o registro de muitas formas dialetais de pequenas comunidades do interior do País. Depois de localizar cartograficamente o Paraná no Brasil e indicar as suas micro-regiões, mostrou os pontos lingüísticos que, segundo Nascentes, deveriam ser pesquisados no Estado, assim como os que foram estudados na elaboração do ALPR, os nomes dos municípios e respectivas populações em 1960 e 1980, assim como a identificação das entrevistadoras em cada um deles.

Os objetivos da redação das notas são: apresentar o vocábulo-tema e suas variantes dentro do contexto fônico e frasal no registro dos informantes; documentar as credences, superstições, simpatias e outros costumes populares que ainda sobrevivem na memória de alguns; esclarecer dados omitidos e/ou dados registrados na carta; e, sobretudo, apresentar dados que possam suscitar interesse para estudos de natureza etnográfica, morfossintática, lexicográfica e folclórica, entre outros.

“Pode ser que, dentro de alguns anos, enquanto a **lúa** ou **luma** brilha no céu, cortado pelo **caminho de Adão e Eva**, e às vezes, riscado de fora a fora pelos **fuzilo** em noites de **tromenta** e **carmario**, ameaçadas pelos pesados **burcão**, não mais vejamos o nosso caboclo, contemplativo e solitário, esperando pela **mãe-de-ouro** para realizar seu sonho de uma vida digna e mais humana. Pode ser que não venha assustar as suas noites a ameaça do **lobosome** na sexta de **coresma** e a perseguição dos eternos condenados **boitatá** se **pechando** no ar entre as copas dos pinheiros.

Pode ser que o **cuitelinho** deixe de sobrevoar as flores dos campos que se estão extinguindo pela irresponsabilidade e ganância do homem; pode ser que o **rico** e o **loro** venham a ser um só; ou nenhum; pode ser que o gavião **carancho**, o **pinhé**, o **caracará**, o **penacho** e o **quiriquiri** venham a ser apenas uma ilustração de enciclopédias; pode ser também que o **cambau**, o **manguá**, o **chacho**, o **sarilho** e o **rolete** não sobrevivam à força da tecnologia; e talvez, igualmente, se sepultem como coisas do passado o **come queto** ou **pé-de-cachorro**, a **pipa** ou **pandorga**, o **pinhé** ou a **gangorra**, a **surjoa** ou a **sistente**, a curica e a jojoca”.

FONTE: AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas lingüístico do Paraná*. [Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994], 411 p. ilustradas.

9) INVESTIGAÇÃO DISCIPLINAR

Título: *Pesquisas variacionistas sobre a concordância de número*

Texto:

Muitos pesquisadores da área da Sociolingüística Variacionista têm estudado exaustivamente a regra da concordância de número (verbal e nominal) e mostrado que esta, conforme previsto nas gramáticas normativas, hoje em dia se aplica somente em estilos muito monitorados e na língua escrita, muito formal.

No caso da concordância nominal de número, estudada especialmente pela professora Maria Marta Pereira Scherre (UnB) e colaboradores, em estilos não-monitorados há a tendência de se usar uma regra de concordância não-redundante, ou seja, em vez de se flexionar todos os elementos do sintagma, apenas o primeiro é flexionado. Isso reflete uma prática no português brasileiro de não se fazer a concordância dos determinantes com o núcleo do sintagma representado por um nome ou pronome, no plural (Scherre, 1994).

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004) o professor, ao lidar com o fenômeno da variação na concordância de número, não pode esquecer de que no português brasileiro, tendemos a flexionar o primeiro elemento do sintagma nominal plural e não marcar os demais. Esta é uma tendência que se explica porque geralmente dispensamos elementos redundantes na comunicação e as diversas marcas de plural no sintagma nominal plural são redundantes. Quando escreve sintagmas nominais plurais o aluno tende a flexionar somente o primeiro elemento, que pode ser um artigo, um pronome possessivo, um demonstrativo, etc. EX: 'os amigo', 'meus brinquedo', 'aqueles homi', 'os meus tio'.

Quanto mais diferente for a forma plural de um nome ou pronome da sua forma singular, mais tendemos a usar a marca de plural naquele nome ou pronome. Quando a forma de plural é apenas um acréscimo de um /s/, tendemos a não empregá-la.

Também a regra de concordância verbal de número tem sido muito estudada pelos pesquisadores da área de Sociolingüística Variacionista.

O pesquisador Anthony Naro (1997), da UFRJ e seus colaboradores constataram que quanto mais fonologicamente saliente for a marca de plural nas formas verbais, mais os falantes tenderão a empregá-los. Ou seja, quando a forma de terceira pessoa do plural for muito distinta da forma de terceira pessoa do singular, há mais probabilidade de os falantes fazerem a flexão. É o chamado princípio da saliência fônica. EX: Em formas como 'estavam, querem, sabe', fazem há mais tendência de haver a flexão do que em formas como foram, fizeram, jogaram.

Outra constatação foi a de que existe maior probabilidade de ocorrer a flexão na forma verbal quando o sujeito é anteposto ao verbo. Quando é posposto tendemos a não flexionar o verbo. EX: 'os jornais chegaram/já chegou os jornais'.

Concluiu-se também que sintagmas verbais e nominais cujo plural é regular e menos saliente fonicamente, como 'ele fala' – 'eles falam' ou casa – casas constituem o subgrupo mais problemático para o falante, que costuma marcar geralmente o plural nas formas mais marcadas fonicamente apenas no primeiro elemento nos de sintagma nominal (MOLLICA, 2000, p. 60).

Levando-se em conta tais pesquisas e muitas outras, é imprescindível que fiquemos muito atentos à variação no uso da regra de concordância nominal e verbal de número na produção dos alunos. Tal fato, conforme as pesquisas variacionistas, configura-se numa regra variável já generalizada na língua. Desse modo, é previsível e até normal que nossos alunos acabem por empregá-la em seus textos escritos.

Propomos ao professor que reflita sobre as conclusões especificadas acima e que amplie seu conhecimento em relação ao seu conteúdo a fim de que entenda que os chamados 'erros' dos alunos são uma variante que tem explicação no próprio sistema e processo evolutivo da língua.

Sugere-se, então, um levantamento das variáveis que mais atuam para a ocorrência do 'erro' na escrita e também na oralidade em relação à concordância nominal e verbal de número. A partir desse levantamento e fundamentado nas pesquisas sociolingüísticas, o professor estará preparado para entender e dispensar um tratamento didático adequado para o 'erro' sob o ponto de vista da Sociolingüística.

REFERÊNCIAS:

- BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna: a Sociolingüística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- SCHERRE, M.M. P.; NARO, A. J. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: HORA, D. (org.) *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997, p. 93-114.
- MOLLICA, M. Cecília (org.). Introdução à Sociolingüística Variacionista. *Cadernos didáticos*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ. 1992
- SCHERRE, M. M. P. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Lisboa, n. 12, p. 37-49, 1994.

10) PROPOSTA DE ATIVIDADES

OBS: antes de propor qualquer atividade é necessário que se trabalhe com os alunos conceitos como: variante, dialeto, variação dialetal, léxico, entre outros.

a) Título: Conhecendo a variação lexical no Paraná

Série sugerida: 7ª e 8ª

Objetivos: Levar os alunos a conhecer palavras do seu cotidiano que possuam significados variados conforme a região do Estado, bem como as variantes regionais para uma mesma palavra.

Tipo de Atividade: Análise, discussão, observação e prática.

Recursos utilizados: Linguagem oral, computador: Paint, Word, Internet.

Método utilizado: aula expositiva, pesquisa, dramatização em grupos, atividades individuais.

Desenvolvimento:

SUGESTÃO DE ATIVIDADES

1) Leitura do seguinte texto:

Aqui no Norte do Paraná, as pessoas chamam a correnteza do rio de corredeira. Quando a corredeira está forte é perigoso passar pela pinguela, que é uma ponte muito estreita feita, geralmente, com um tronco de árvore. Se temos muita chuva a pinguela pode ficar submersa e, portanto, impossibilita a passagem. Mas se ocorre uma manga de chuva, uma chuvinha passageira, esse problema deixa de existir. Contudo, uma manga de chuva pode aumentar a preocupação daqueles que trabalham numa roça de milho, pois durante a colheita, eles vão fazendo bandeiras de milho, ou seja, amontoando as espigas colhidas em pequenos montes e, se chove, mesmo que seja pouco, esses montes precisam ser cobertos rapidamente. Em épocas de

fatura, as espigas vêm carregadas de grãos, porém, quando uma seca castiga a lavoura, a produção acaba sendo prejudicada, e aí em vez de espigas repletas de grãos, só se vê restolho, pra tristeza do agricultor. De quando, acontecem acidentes no campo, como alguém tomar um mau jeito quando vai levantar um balaio de milho por exemplo, nesse caso tem o rubim, planta muito boa para se fazer emplasto. Pra dor de barriga fazem uso do chá da semente de erva doce. Na área rural, ainda encontramos muitas casas com fogão à lenha, nestas residências, a faxina deve ser cuidadosamente feita, pois caso contrário as paredes e telhados vão ficar cheios de picumã, sujeira produzida pela fumaça. As mulheres aqui, são muito vaidosas, gostam de passar batom nos beijos, ou seja nos lábios. Quando seus filhos são ainda bebês, ficam bem atentas, porque eles podem cair e bater a moleira, que é a parte superior da cabeça. Nesse período, ela é mole e um acidente envolvendo essa parte do corpo pode ser perigoso. Quando essas crianças crescem um pouco, os meninos, pra desespero das mães, adoram brincar com o estilingue, que em algumas regiões é conhecido como bodoque, aí... coitadas das vidraças e dos passarinhos mais incautos Antigamente, os moradores das redondezas, tinham o hábito de se reunirem na boca da noite para contar histórias, muitas vezes de assombração, que juravam ser verdade. As crianças que sofriam com isso, à noite dormiam com a cabeça coberta de medo do que ouviam. Hoje, isso se perdeu, a televisão tomou o lugar dos contadores de história e muitas palavras foram substituídas, porque novos hábitos surgiram.

FONTE: <http://gtlinguaportuguesa.blogspot.com/2005/11/curiosidades-linguisticas-da-regio-norte.html>

2) Após a leitura os alunos realizarão discussões, reflexões e um levantamento de algumas expressões de sua região. Esse levantamento poderá ser feito por meio de histórias contadas por familiares.

3) Os alunos farão pesquisas dos termos de sua região e criarão histórias com eles. A pesquisa deverá abordar o contexto histórico da região visando descobrir a origem dos termos. Podem aparecer também aspectos históricos, políticos e econômicos da região.

4) Inserir comentários na internet através de blogs e do orkut a fim de que ocorra uma interação entre os alunos da turma com estudantes de outros Estados do Brasil, ressaltando suas semelhanças e diferenças vocabulares.

5) Produzir textos com expressões e palavras locais.

6) Montagem de peças teatrais e dramatizações.

Número de alunos: 30 a 45

Avaliação: O professor avaliará a produção escrita tendo em mente a capacidade argumentativa, a coerência e a coesão textuais, bem como a participação e o envolvimento dos alunos.

b) Título: As variantes lingüísticas e as situações de comunicação

Objetivos: Possibilitar ao aluno a percepção de que há variantes lingüísticas adequadas às mais diversas situações comunicativas e ajudá-lo a concluir que não há linguagem errada, mas sim adaptável à situação e ao contexto, levando em consideração o que dizer, a quem dizer e como dizer.

Tipo de Atividade: Análise, discussão, observação e prática.

Recursos utilizados: Linguagem oral, textos, rádio – CD.

Método utilizado: Aula expositiva, atividades individuais e em grupos, dramatização. Serão utilizados três textos e som (para a música). Para finalizar, os alunos deverão realizar um debate a fim de que sejam expostas suas conclusões e produzirão um texto.

Desenvolvimento:

1ª SUGESTÃO DE ATIVIDADES

1) Após conversas dirigidas sobre língua falada, sugere-se uma pesquisa, em equipes, a respeito dos regionalismos (ex.: *mandioca* = *macaxeira*, no Nordeste e *aipim* ou *mandioca* no Sudeste; *vaso sanitário* = em MG, *vaso* / no PA, *privada* / no PR, *patente* / em SP, *privada*), para exposição oral em sala. Essa atividade poderá despertar muito

interesse e participação, além de levar os alunos a perceberem que não há uma só maneira de usar a língua.

Posteriormente, propõem-se dramatizações de situações de uso/adequação da língua, por exemplo:

- *um aluno conversando com seus amigos e em outra situação, com o diretor da escola;
- *um pai chamando a atenção do filho na frente de visitas e depois quando estão a sós;
- *uma pessoa em uma entrevista de emprego e, depois, falando com a família sobre a entrevista;
- *um jovem, falando com um pastor ou um padre, e depois na sua turma de amigos;
- *um cidadão conversando com uma autoridade e com os colegas em um bar;
- *além dessas sugestões podem ser dramatizadas situações lingüísticas pertencentes a alguns grupos sociais, tais como: surfistas, skatistas, adolescentes ou profissionais: médicos, advogados, policiais

As dramatizações podem ainda ser enriquecidas com questões como: *O que é falar errado? Quem fala mais corretamente a palavra DENTE: o curitibano que diz DENTE / ou o interiorano que diz /DENTI/? Por que é importante uma forma padrão da língua? Por que é necessário respeitar as variantes lingüísticas? Por que aprender a norma-culta? Quais as conseqüências de não aprendê-la?*

Número de alunos: 30 a 45

Avaliação: Observar se a linguagem utilizada está adequada ao momento social em que se insere.

2º SUGESTÃO DE ATIVIDADES

- 1) Exposição por parte do professor sobre o tema a ser abordado e interação entre os alunos a fim de que relatem seus conhecimentos sobre o tema
- 2) Leitura de textos representativos de diferentes gêneros (poesia, música, teatro) e variantes lingüísticas (linguagem rural, gírias, jargões)
- 3) Trabalhos em grupo: Analisar os textos para verificar as situações de comunicação em que foram utilizadas.
 - A forma de escrever alterou a compreensão do sentido dos textos?
 - Os textos registram variantes lingüísticas. Seria adequado que elas estivessem escritas em linguagem formal? Reescreva os textos na variante padrão.
 - Refletir sobre questões como:
 - Em qual dos estilos de linguagem encontrados nos textos você melhor se enquadra? Por quê?
 - É possível dizer qual das variantes lingüísticas apresentadas nos textos está mais de acordo com a norma padrão? Responda justificando.
 - Analisar a linguagem dos textos tendo em mente a norma culta/padrão/formal e responder indagações como:
 - Na situação de comunicação apresentada podemos dizer que os textos não se enquadram dentro daquilo que a escola ensina como correto? Justifique
 - Esquecendo-se a situação de comunicação, analisando os textos somente por si. O que você acha?
 - Por que os autores dos textos não utilizaram a norma culta da língua portuguesa?
- 4) Trabalhos individuais
 - Pesquisar sobre as diferentes variantes da língua portuguesa (de época para época, de região para região de grupo social para grupo social, de situação para situação). Além dessas, há outras variações, como, por exemplo, o modo de falar de grupos profissionais, a gíria própria de faixas etárias diferentes, a língua escrita e oral e escolha uma para produzir um texto. Especificar a variante escolhida e a situação de

comunicação (diálogo entre jovens, linguagem profissional, entrevista, etc.) em que está sendo utilizada.

OBS: É importante que se faça um trabalho paralelo com os gêneros textuais utilizados na atividade

5) Formação de um grande grupo para que os alunos exponham suas idéias e conclusões sobre o tema

6) Produção textual individual.

Número de alunos: 30 a 45

Avaliação: Os alunos se avaliarão entre si e pelo professor no trabalho em grupo e a participação do debate. O professor avaliará a produção escrita tendo em mente a capacidade argumentativa, a coerência e a coesão textuais. Também observará as atitudes dos alunos no dia-a-dia em relação à sua forma de lidar com as diferentes situações comunicativas com que se defrontarem.

c) Título: Variação no tempo e no espaço

Objetivos: Possibilitar ao aluno a compreensão e o contato com a evolução temporal e espacial da língua

Série sugerida: 7ª e 8ª

Tipo de Atividade: Análise, discussão, observação e prática.

Recursos utilizados: Linguagem oral, textos

Método utilizado: aula expositiva, pesquisa, dramatização em grupos, atividades individuais.

Desenvolvimento:

1ª SUGESTÃO DE ATIVIDADES

Uma língua varia conforme a época em que se vive e conforme a região, país (quando se fala de países colonizados e países colonizadores)

- Exposição oral pelo professor a respeito das mudanças históricas e geográficas que ocorrem na linguagem
- Leitura e análise de textos representativos de diferentes séculos e décadas (conforme sugestões abaixo)
- Comparar textos antigos com textos atuais
- Identificar palavras ou expressões que já não são mais empregadas (arcaísmos) e termos regionalistas

2ª SUGESTÃO DE ATIVIDADES

➤ O que você diria ao se deparar com a seguinte frase: *O **criado de mesa** (garçom) nos tratou **nas palmilhas** (muito bem), porém trouxe-nos **uma sande com a carcaça esturrada** (sanduíche com o pão queimado) - e sem **caganitas** ! (azeitonas)* Pode parecer estranho, mas em Portugal há muitas diferenças tanto no léxico como no sotaque em relação ao português do Brasil. Observe os exemplos na lista abaixo:

Brasil

crianças
meias
ônibus
cafezinho
salva-vidas
fila

Portugal

miúdos
peúgas
autocarro
bica
banheiro
bicha

<i>banheiro</i>	<i>casa de banho</i>
<i>calcinha</i>	<i>cueca</i>
<i>preservativo</i>	<i>durex</i>
<i>sorvete</i>	<i>gelado</i>

- A partir destes exemplos pode-se dizer que o português do Brasil é igual ao Português de Portugal? Por quê? Você poderia saber por que ocorrem tais diferenças? Pesquise mais palavras que mostrem as diferenças entre Brasil e Portugal.
- Pesquise alguns fatores que colaboraram para as diferenças de vocabulário entre Brasil e Portugal

Número de alunos: 30 a 45

Avaliação: discussão em sala sobre as transformações que a língua sofre de forma não-planejada.

d) Título: Variação social

Objetivos: Possibilitar ao aluno a compreensão e o contato com as diferentes formas de se usar a língua, conforme a situação social

Série sugerida: 7ª e 8ª

Tipo de Atividade: Análise, discussão, observação e prática.

Recursos utilizados: linguagem oral, textos

Método utilizado: aula expositiva, pesquisa, dramatização em grupos, atividades individuais.

Desenvolvimento:

SUGESTÃO DE ATIVIDADES

➤ Ocorrem muitas diferenciações de grupos no interior das sociedades condicionadas por fatores como: *classe social, profissão, idade, escolaridade, tipo de mensagem e o contexto onde ela ocorre*. Imagine um colega de sala lhe dizendo: "Peço-lhe, muito respeitosamente, que se digne a emprestar-me seu caderno". Tal atitude se parece com a de alguém que: *(escolha duas alternativas)*

- a) Vai a um baile de funk usando terno e gravata
- b) Vai ao estádio de futebol usando camiseta do seu time
- c) Comparece perante um juiz de direito usando chinelo, bermuda e camiseta
- d) Vai de roupa social a um casamento

➤ Entrevista com pessoas de diferentes grupos sociais:

- Há diferenças na linguagem utilizada pelos entrevistados?
- Analise a linguagem utilizada pelos entrevistados, levando em conta fatores como: idade, escolaridade, onde vive.
- Tais diferenças influenciaram na vida profissional destas pessoas?
- Para você, a linguagem utilizada pode determinar o sucesso ou o fracasso de seus usuários? Justifique sua resposta.
- Em seu grupo de convívio, promova uma reflexão sobre como você e sua turma tratam as diferentes linguagens.

Número de alunos: 30 a 45

Avaliação: discussão em sala sobre as transformações que a língua sofre de forma não-planejada.

e) Título: Variação dialetal

Objetivos: Possibilitar ao aluno a compreensão e o contato com a evolução espacial da língua

Série sugerida: 7ª e 8ª

Tipo de Atividade: Análise, discussão, observação e prática.

Recursos utilizados: linguagem oral, textos

Método utilizado: aula expositiva, pesquisa, dramatização em grupos, atividades individuais.

Desenvolvimento: a nossa língua apresenta variações de um local para outro. Paranaenses, gaúchos e nordestinos, por exemplo, além das diferenças de vocabulário, também apresentam diferenças na pronúncia das palavras.

1ª SUGESTÃO DE ATIVIDADES

- *Mandioca, macaxeira, aipim, castelinha, macamba, pão-da-américa, pão-de-pobre, uaipi ou xagala?* A que regiões brasileiras pertence cada variação da palavra? Pesquise:
- Pesquise outras palavras que variam conforme a região ou Estado brasileiro
- A que região pertencem as palavras e o que elas significam? *bah tchê! piá, angu, sarjeta, lomba, vina, bergamota, benjamim*

OBS: angu (polenta); lomba (ladeira) vina (salsicha); bergamota (tangerina); benjamim (tomada de três orifícios)

2ª SUGESTÃO DE ATIVIDADES

- Levar para a sala de aula alguns 'causos caipiras', transcritos conforme a linguagem oral (ou pedir que os alunos pesquisem na família ou com conhecidos, ou mesmo na internet):

1) O texto ilustra uma variante da língua portuguesa ainda muito discriminada socialmente e cercada do estigma do preconceito lingüístico. Na sua opinião, por que isso ocorre? O que você acha do preconceito em relação a variante rural?

2) Há comprometimento na transmissão e no entendimento da mensagem? Por que?

3) A escola tem condições de ajudar os falantes da variante rural a dominarem a linguagem padrão?

4) É importante ou necessário que os falantes dessa variedade se tornem usuários competentes da norma padrão?

11) CONTEXTUALIZAÇÃO

Título: *O Preconceito lingüístico e seus reflexos na escola*

Texto:

A condição de variabilidade da língua e seus reflexos no ensino-aprendizagem sempre representaram uma preocupação para os sociolingüistas e, nos últimos tempos, vem crescendo o interesse desses estudiosos sobre a forma como a escola aborda e trabalha com a diversidade lingüística de sua clientela. Pesquisas recentes realizadas com amostras de fala e de escrita atestam ser a variação inerente a todas as produções lingüísticas.

O tratamento que a escola, muitas vezes até de forma inconsciente, dispensa à diversidade lingüística se constitui numa das causas de problemas que vão desde uma leve sensação de inadequação em relação à sua fala até a extremos como evasão ou repetência, agravados pela ignorância, por parte dos mesmos, de que o domínio da linguagem é um dos responsáveis pelo exercício pleno e consciente de sua cidadania. Ainda é recorrente uma visão estereotipada em relação à postura adotada no tratamento das diversas variedades lingüísticas que chegam à escola.

Isso tudo é reflexo da forma como a sociedade em geral vê o fenômeno da variação lingüística. Prevalece a imagem, entre os brasileiros em geral, de que o bom português é o dos livros, dos dicionários e das gramáticas. Esses têm o status de guardiões sagrados da língua padrão, ao mesmo tempo em que a concebem como um fenômeno homogêneo. Essas concepções têm como origem um ensino de língua portuguesa baseado na metalinguagem e a propagação na mídia de mitos. No livro *Preconceito Lingüístico, o que é, como se faz*, Bagno (2003), mostra alguns resultados de suas reflexões acerca do preconceito lingüístico e, respaldado em conhecimentos advindos da sociolingüística, levanta alguns mitos² que ilustram alienação e descaso em relação à pesquisa científica sobre a variação na língua.

A mídia faz analogias entre norma padrão e não-padrão traçando paralelos como competência/incompetência, beleza/feiúra, sucesso/fracasso, informação/ignorância inteligência/burrice, entre outros, o que ajuda a reforçar a divisão entre classes e a exclusão social.

Tudo isso pode ser traduzido, tanto na escola, quanto na sociedade, sob a forma de preconceito lingüístico. Porém, cabe à própria escola a tarefa de desmistificar tal preconceito.

Muitas vezes, um indivíduo pode ser rotulado e discriminado em função de sua fala, podendo a mesma servir como objeto de ridicularização e ser estigmatizada como uma corrupção das formas cultas do português.

A exclusão pela linguagem é certamente um dos maiores fatores de exclusão social. Segundo Camacho

as camadas populares não entram na escola com um domínio prático da modalidade padrão. Insucesso e evasão têm, por conseguinte, uma de suas causas no processo crônico de inadaptação pedagógica da escola brasileira à tentativa de democratização, que atendeu, somente do ponto de vista quantitativo, à demanda por classes desfavorecidas por mais vagas (CAMACHO, 1985, p. 4)

A democratização do ensino fez com que se estabelecesse na comunidade escolar um conflito lingüístico para o qual a instituição não estava preparada. Assim, passa a ignorá-lo e continua a seguir seus antigos parâmetros normativos de correção, gerando uma prática pedagógica que se apresenta como um instrumento eficaz e favor da discriminação, seja ela lingüística, cultural ou social.

Entre professores das outras áreas são recorrentes comentários, até certo ponto, revestidos de certo preconceito em relação à variação lingüística. Percebe-se um descontentamento com o desempenho lingüístico dos educandos, principalmente quando o professor idealiza que eles devem usar sempre a língua em sua forma padrão. Os alunos, por sua vez, acham o português muito difícil e inalcançável.

O que a escola deve fazer, então? Como ela pode acabar com a exclusão lingüística originada de uma língua que, apesar das influências de tupinismos, africanismos, galicismos tem mesmo suas bases alicerçadas no português europeu?

Responder esta indagação não é tarefa fácil, não existe uma fórmula mágica que o sistema escolar possa adotar e resolver tudo de imediato. Porém, é necessário que se tomem medidas que possam, a médio e longo prazo, trazerem os resultados esperados.

²Mito nº 1: A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente (p. 15);

Mito nº 2: Brasileiro não sabe português; só em Portugal se fala bem português (p. 20);

Mito nº 3: Português é muito difícil (p. 35);

Mito nº 4: As pessoas sem instrução falam tudo errado (p. 40);

Mito nº 5: O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão (p. 46);

Mito nº 6: O certo é falar assim porque se escreve assim (p. 52);

Mito nº 7: É preciso saber gramática para falar e escrever bem (p. 62);

Mito nº 8: O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social (p. 69).

Para atingir tal meta, a escola deve, inicialmente, planejar e desenvolver ações que priorizem a diversidade lingüística. Isso, porém, não quer dizer que se deva ignorar ou desconsiderar o ensino da norma culta, pois ao longo da vida profissional e social do aluno ela será de grande valia e em certos casos, até decisiva.

A questão é levá-lo a enriquecer seu repertório lingüístico de forma a instrumentalizá-lo para que se aproprie das formas de prestígio, socialmente aceitas, mas sem ignorar sua fala original ou discriminá-lo em virtude de seu modo de falar. Assim, estarão preparados para se relacionar e até enfrentar em condições de igualdade aqueles que dominam a norma padrão, mas sem deixarem de lado suas origens.

Cabe aos professores conhecerem as bases da ciência sociolingüística a fim de entenderem que a verdadeira natureza do preconceito lingüístico oculta, na verdade, o preconceito social. Somente serão capazes de combater opiniões e ações preconceituosas e equivocadas se embasados no conhecimento científico.

REFERÊNCIAS:

BAGNO, M. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2003.

CAMACHO, R. G. O Sistema Escolar e o Ensino da Língua Portuguesa. *Alfa*, n. 29, p. 1-7, 1985.

12) PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

Título: *A língua viajando o tempo e no espaço*

Texto:

No Brasil há uma unidade lingüística, porém é impossível ignorar as diferenças de pronúncia e a variação no léxico de uma região para outra. Isso ocorre devido a fatores geográficos e históricos, já que a grande diversidade social, cultural e conseqüentemente, lingüística do país tem deve-se à sua colonização e à sua natureza de país de dimensões continentais.

O professor de língua portuguesa deve levar esse fato em consideração e abordar em sua prática pedagógica as variantes de tempo e de espaço, pois a língua sofre transformações ao longo do tempo e conforme o espaço onde é falada.

Diante disso, o presente OAC sugere um trabalho interdisciplinar com História e Geografia por levar em conta que o estudo da variação lingüística não pode dissociar os falantes do lugar onde vivem e nem de seu passado histórico.

Também a variação lingüística relaciona-se com essas áreas já que ambas abordam questões ligadas ao modo como as pessoas agem, pensam, vestem-se, falam e expressam-se, enfim, ao jeito de viver dos habitantes de cada lugar e à época em que vivem.

O aluno precisa compreender que é impossível que os fatores geográficos e históricos não influenciem e/ou determinem os falares de cada região. Ele deve entender que habitantes do meio rural, de regiões agrestes, do litoral, da região pantaneira ou da região amazônica, por exemplo, têm costumes, tradições e experiências diferenciadas entre si e em relação aos habitantes dos grandes centros urbanos e que tudo isso se reflete na sua fala, na sua linguagem.

A fim de se realizar um trabalho interdisciplinar com Geografia, podem ser abordadas as características físicas e humanas das regiões brasileiras, seus habitantes característicos; em História, e mesmo em Artes, as festividades, a culinária, os personagens históricos, a religião, a medicina popular, as crenças, entre outros itens; em História pode ser feito um trabalho com grandes nomes da literatura regional, enfocando, além da linguagem, os temas levantados por esses autores, como José Lins do Rego (ciclo da cana-de-açúcar, os antigos engenhos), Graciliano Ramos (a seca e suas conseqüências dramáticas), Érico Veríssimo (aspectos históricos do Rio Grande do Sul), Jorge Amado (marginais, operários, meninos abandonados, costumes afro-

brasileiros, comida típica, candomblé, capoeira), entre outros; um estudo lingüístico de documentos históricos (carta de Pero Vaz de Caminha, por exemplo), jornais e revistas de época, propagandas antigas, etc., contribuem para o aluno observar as transformações ocorridas na língua ao longo do tempo e compreender sua natureza mutante.

Também podem ser desenvolvidos projetos em que os alunos gravem os "falares diferentes" de pessoas vindas de outras regiões ou trechos de programas de televisão para que entrem em contato com sotaques e expressões diferentes e compreendam que eles valorizam nossa língua.

Estas são apenas algumas sugestões para o professor desenvolver um trabalho interdisciplinar com o conteúdo da variação lingüística. Há um campo muito vasto para relacionar tal conteúdo com as outras disciplinas do currículo. O contato com a diversidade propicia ao aluno a oportunidade de respeitá-la, entendendo que o falante que não usa a variante padrão não está cometendo um erro e, sim, apenas usando outra variante.